

Gênese da Bipolaridade Confrontativa Indireta na Guerra da Coreia

Genesis of Indirect Confrontational Bipolarity in the Korean War

Génesis de la Bipolaridad de Confrontación Indirecta en la Guerra de Corea

Roy Reis Friede¹

RESUMO

Este artigo busca analisar o surgimento do fenômeno denominado Bipolaridade Confrontativa Indireta (e Assimetria Reversa Reflexa), cuja gênese ocorreu durante a Guerra da Coreia. Para tanto, inicia abordando o papel chinês e o menosprezado protagonismo soviético no conflito coreano, passando pelo recuo norte-americano no confronto e pelo embate entre as lideranças militares dos EUA à época (o Presidente Harry Truman e o General Douglas MacArthur), bem como pelo êxito da estratégia do emprego do poder aéreo contra a superioridade numérica das tropas terrestres chinesas e nortecoreanas, o que terminou por consolidar, em toda sua plenitude, a nova concepção geopolítica e geoestratégica de “Guerra Limitada” e a própria *Bipolaridade Confrontativa Indireta*.

Palavras-chave: Guerra da Coreia. Guerra limitada. Bipolaridade confrontativa indireta. Assimetria reversa reflexa.

ABSTRACT

This article seeks to analyze the emergence of the phenomenon called Indirect Confrontational Bipolarity (and Reflex Reverse Asymmetry), whose genesis occurred during the Korean War. To this end, it starts by addressing the Chinese role and the despised Soviet role in the Korean conflict, going through the North American retreat in the confrontation and the clash between US military leaders at the time (President Harry Truman and

General Douglas MacArthur), as well as through the success of the strategy of using airpower against the numerical superiority of Chinese and North American ground troops, which ended up consolidating, in all its fullness, the new geopolitical and geostrategic conception of “Limited War” and the Indirect Confrontational Bipolarity itself.

Keywords: Korean War. Limited war. Indirect confrontational bipolarity. Reflex reverse asymmetry.

RESUMEN

Este artículo busca analizar la aparición del fenómeno llamado Bipolaridad de Confrontación Indirecta (y asimetría inversa refleja), cuya génesis ocurrió durante la Guerra de Corea. Con este fin, comienza abordando el papel chino y el despreciado protagonismo soviético en el conflicto coreano, pasando por la retirada norteamericana en la confrontación y el enfrentamiento entre los líderes militares estadounidenses en ese momento (el presidente Harry Truman y el general Douglas MacArthur), así como por el éxito de la estrategia de emplear el poder aéreo en contra la superioridad numérica de las tropas de tierra chinas y norteamericanas, que terminó consolidando, en toda su plenitud, el nuevo concepto geopolítico y geoestratégico de “Guerra limitada” y la propia Bipolaridad de Confrontación Indirecta.

Palabras clave: Guerra de Corea. Guerra limitada. Bipolaridad de confrontación indirecta. Asimetría inversa refleja.

I. Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF da 2ª região) – Rio de Janeiro/RJ – Brasil. Doutor em Direito Público pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rfriede@trf2.gov.br

Recebido: 27/03/17

Aceito: 10/01/19

1 INTRODUÇÃO

Não obstante as reconhecidas restrições embrionárias ao emprego do poderio militar norte-americano no intrigado episódio do **Bloqueio de Berlim** pelos soviéticos, é forçoso reconhecer que o **fato histórico** mais marcante, - e que a maioria dos estudiosos atribui como o verdadeiro responsável pela gênese da **Bipolaridade Confrontativa Indireta** e, conseqüentemente, peça inaugural da denominada **Assimetria Reversa Reflexa** -, foi o célebre encontro das tropas de MacArthur, estacionadas às margens do rio Yalu, na parcela coreana da fronteira com a China Continental, com uma fração substancial do surpreendente contingente de aproximadamente 250 a 400.000 soldados chineses (dependendo da fonte) dispostos na margem oposta (chinesa).

Analisando tal fato em um contexto mais amplo, como bem adverte Henry Kissinger (2011), nenhum estudioso das relações internacionais poderia imaginar, à época, que um exército recém-saído de uma guerra civil e na maior parte equipado com armas capturadas dos nacionalistas poderia se dispor a enfrentar a maior potência econômica e militar do planeta naquele momento histórico tão particular. A explicação lógica para tanto, segundo o mencionado autor, exige uma compreensão especial de como a China, sob o comando de Mao Tse Tung (ou Mao Zedong), percebia a estratégia da **deterrência**, no espectro da denominada Guerra Clássica, combinando elementos de longo prazo, estratégicos e psicológicos.

2 O PAPEL CHINÊS E O MENOSPREGADO PROTAGONISMO SOVIÉTICO NO CONFLITO COREANO

Apesar da brilhante análise sobre o papel chinês no conflito coreano, não há como deixar de reconhecer que o mencionado autor deixou de ater-se ao protagonismo soviético no epígrafado episódio. Destarte, a verdade é que a União Soviética usou a China para testar, de forma mais segura, sua expansão geopolítica sobre a Ásia, uma vez que as possibilidades para idêntica empreitada haviam se encerrado na Europa no final da década de 40, particularmente após a criação da OTAN, em 1949.

Nesse sentido, ainda que com relativa hesitação, a União Soviética calculou que os Estados Unidos não deslocariam tropas para a Ásia na defesa da Coreia, ou mesmo de Taiwan; a uma, porque

declaradamente ambas regiões não se encontravam no perímetro defensivo estabelecido por Washington (KISSINGER, 2011, p. 128-129) e, a duas, porque os EUA não haviam tomado qualquer iniciativa para deslocar forças militares na defesa de Chiang Kai-Shek (ou Jiang Jieshi), permitindo estabelecer a derrota dos nacionalistas na guerra civil chinesa, em 1949. Ademais, subsistia no pensamento soviético a suposta necessidade de se estabelecer uma compensação pela negativa de MacArthur em compartilhar, com seus aliados russos, a ocupação japonesa, a exemplo do que fora realizado na Europa. A ideia central repousava, desta feita, no estabelecimento de uma espécie de **domínio compensatório** sobre a península coreana, utilizando a China como anteparo (reduzindo os riscos de um confronto direto com os Estados Unidos), premiando, por fim, a China pelos seus supostos bons serviços, com a reunificação de Taiwan.

Tendo concedido o continente para controle comunista e fosse lá o impacto geopolítico que pudesse advir, não fazia sentido resistir às tentativas comunistas de ocupar Taiwan. Isso era na verdade a avaliação do NSC-48/2, um documento refletindo a política nacional preparado pela equipe do Conselho de Segurança Nacional e aprovado pelo presidente. Adotado em 30 de dezembro de 1949, concluiu que 'a importância estratégica de Formosa [Taiwan] não justifica a ação militar aberta'. Truman defendera um ponto de vista similar em uma coletiva de imprensa em 5 de janeiro: 'O governo dos Estados Unidos não fornecerá ajuda militar ou conselhos para as forças chinesas em Formosa'. (GONCHAROV, LEWIS, LITAI, 1993, p. 8. KISSINGER, 2011, p. 128-129).

Por efeito, no dia 19 de outubro de 1950, por ordem direta de Mao Tse Tung (ou Mao Zedong) (cf. *Chinese Troops Enter North Korea*: <http://teachingamericanhistory.org/static/nch/interactives/timeline/data/102550.html>), e contrariando grande parte da liderança chinesa que temia um confronto direto com os EUA, as forças chinesas, **"voluntárias"** (buscando evitar a "oficialização" do ingresso da China no conflito), atravessaram o rio Yalu e, no dia seguinte, forças da ONU e da China já estavam trocando tiros na região de fronteira.

(...) Mao Tse Tung, cético quanto à capacidade da Coreia do Norte, disse ao Politburo: 'Se os imperialistas americanos saírem vitoriosos, o sucesso vai lhes subir à cabeça, e ficarão em posição de nos ameaçar. Temos de ajudar a Coreia; temos de ir em seu auxílio. Isso pode ser feito na forma de uma força voluntária, e no momento de nossa escolha, mas devemos começar a nos preparar' (ZHIHUA).

(...) Nesse meio-tempo estavam sendo feitas análises de estado-maior e exercícios cartográficos. (...) Os compromissos dos Estados Unidos pelo mundo, assim rezava o argumento, limitariam a mobilização norte-americana a um máximo de 500 mil efetivos (na verdade, o auge do efetivo máximo estadunidense empregado na Coreia atingiu a cifra de 326.863 homens, além de mais 45.000 efetivos dos demais países da ONU), enquanto a China tinha um exército de 4 milhões de soldados a que recorrer. A proximidade chinesa do campo de batalha dava-lhe uma vantagem logística. Os planejadores chineses achavam que contariam com uma vantagem psicológica também devido ao fato de que a maioria dos povos mundiais apoiaria a China. (JIAN, 2001, p. 144).

Os soviéticos então, segundo Shen Zhihua (*China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese-Soviet-Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War*, *The Journal of Strategic Studies*, vol. 33, no. 2, ps. 211-230) decidiram alterar sua postura de maior **prudência** e **distanciamento** em relação à guerra coreana, enviando, além de mais suprimentos e suporte logístico, alguns **esquadrões de sua força aérea, objetivando neutralizar os bombardeios norte-americanos, bem como realizar ataques em solo** coreano, deslocando, inclusive, unidades dos moderníssimos MiG-15 Fagot (estacionadas em países europeus), que se revelaram uma “surpresa tecnológica”, especialmente durante o transcurso do primeiro semestre de 1951. Como resultado, na batalha de *Onjong*, **as forças sul-coreanas foram massacradas pelos chineses**. Em 1º de novembro, soldados da China e dos Estados Unidos travaram seu primeiro combate na batalha de *Unsan*, vencida pelos chineses.

A sabedoria convencional costuma atribuir a decisão chinesa de entrar na Guerra da Coreia à decisão americana de cruzar o paralelo 38 no começo de outubro de 1950 e ao avanço das forças das Nações Unidas para o rio Yalu, a fronteira de China e Coreia. (...)

O evento que precipitou esse plano foi o despacho inicial de tropas americanas para a Coreia combinado à neutralização do estreito de Taiwan. A partir desse momento, Mao ordenou o planejamento para a entrada chinesa na Guerra da Coreia com o propósito de, no mínimo, impedir o colapso da Coreia do Norte e, ocasionalmente, para o objetivo revolucionário máximo de expulsar inteiramente as forças americanas da península. (ZHANG, 1995, p. 101-107; p. 123-125. JIAN, 2001, p. 91-96).

O comando da ONU, contudo, não acreditava inicialmente na dimensão da intervenção chinesa e no elevado número de soldados de Pequim em solo

coreano. A verdade é que, entre os próprios chineses, não havia uma unanimidade quanto à conveniência estratégica de um envolvimento direto de tropas chinesas no conflito coreano.

Os obstáculos à intervenção chinesa eram tão desencorajadores que toda a liderança de Mao Tse Tung (Mao Zedong) foi necessária para conquistar a aprovação de seus colegas. (...)

Nesse ponto, Stalin reentrou na cena para apoiar a continuação do conflito que ele havia encorajado e cujo encerramento não estava nos seus planos. O exército norte-coreano estava entrando em colapso, e outro desembarque americano no litoral oposto era esperado pelo serviço de informações soviético perto de Wonsan (equivocadamente). Preparativos chineses para a intervenção estavam muito mais adiantados, mas a situação ainda não era irrevogável. Stalin desse modo decidiu, em uma mensagem (carta), enviada em 1º de outubro, para Mao, pedir a intervenção chinesa. Após Mao ter protelado uma decisão, mencionando o perigo da intervenção americana, Stalin enviou um telegrama com uma informação adicional. Ele estava preparado, insistia, em se comprometer a um apoio militar soviético numa guerra total caso os Estados Unidos reagissem à intervenção chinesa. (...)

A carta de Stalin deixou Mao em um dilema. Uma coisa era planejar a intervenção de modo abstrato em parte como um exercício de solidariedade revolucionária. Outra era efetivamente executá-la, especialmente quando o exército norte-coreano estava à beira da desintegração. A intervenção chinesa tornava imperativos suprimentos soviéticos e, acima de tudo, eficiente cobertura aérea, uma vez que o Exército de Libertação Popular não contava com uma força aérea minimamente operacional. Assim, quando a questão da intervenção foi apresentada perante o Politburo, Mao recebeu uma resposta surpreendentemente ambígua, levando-o a esperar antes de dar sua palavra final. Em vez disso, Mao despachou Lin Biao (que rejeitara o comando das forças chinesas, alegando problemas de saúde) e Zhou Enlai para a Rússia a fim de discutir as perspectivas da assistência soviética. (...)

Zhou e Lin Biao haviam sido instruídos a advertir Stalin de que, sem receber uma garantia de suprimentos, a China não poderia, no fim, empreender o que viera preparando por dois meses. (...) Suas perspectivas dependeriam dos suprimentos e do apoio direto que Stalin disponibilizaria. (...)

Um sintoma de divisões internas chinesas é o misterioso caso de um telegrama de Mao para Stalin enviado na noite de 2 de outubro, do qual duas versões contraditórias são mantidas nos arquivos de Pequim e Moscou.

Em uma versão do telegrama de Mao (...), o líder chinês escreveu que Pequim ‘decidira enviar parte de nossas tropas para a Coreia sob o nome de Voluntários [Populares Chineses] para combater os Estados Unidos e seu laçao Syngman Rhee e para ajudar os camaradas coreanos’ (GONCHAROV, LEWIS, LITAI, 1993, p. 177). (...) Mao observou que ‘devemos estar preparados para uma declaração de guerra dos Estados Unidos e para o subsequente

uso da força aérea norte-americana bombardeando inúmeras das principais cidades e bases industriais chinesas, bem como para um ataque da marinha americana contra nossas regiões costeiras'. O plano chinês era enviar 12 divisões do sul da Manchúria em 15 de outubro. 'No estágio inicial', escreveu Mao, eles iriam mobilizar as tropas a norte do paralelo 38 e 'meramente empreender a guerra defensiva' contra tropas inimigas que cruzem o paralelo. Nesse meio-tempo, 'eles vão esperar pela chegada de armas soviéticas. Uma vez bem-equipados, vão cooperar com os camaradas coreanos em contra-ataques para aniquilar as tropas agressoras americanas' (GONCHAROV, LEWIS, LITAI, 1993, p. 177).

Em uma versão diferente do telegrama de 2 de outubro de Mao (...), Mao informava Stalin que Pequim não estava preparada para enviar tropas. Ele aventou a possibilidade de que, após posteriores conversas com Moscou (...), Pequim se mostraria inclinada a entrar no conflito.

Durante anos estudiosos analisaram a primeira versão do telegrama como se fosse a única existente; quando a segunda versão emergiu, alguns se perguntaram se um dos documentos não poderia ser falso. A explicação mais plausível é a proposta pelo estudioso chinês Shen Zhihua: a de que Mao esboçou a primeira versão do telegrama pretendendo enviá-lo, mas que a liderança chinesa estava tão dividida que um telegrama mais equívoco foi substituído. A discrepância sugere que, mesmo enquanto as tropas chinesas avançavam na direção da Coreia, 'a liderança chinesa continuava debatendo sobre por quanto tempo ainda aguardar por um compromisso de apoio definitivo do aliado soviético antes de dar o último e irrevogável passo' (ZHIHUA, 1996, p. 240).

Os dois autocratas comunistas haviam sido treinados em uma dura escola de política do poder, que agora aplicavam um no outro. Nesse caso, Stalin se mostrava o jogador inflexível quintessencial. Ele friamente informou a Mao (...) que, em vista da hesitação chinesa, a melhor opção seria a retirada do que restava das forças norte-coreanas para a China, onde Kim Il-Sung poderia formar um governo provisório no exílio. Os doentes e incapacitados poderiam ir para a União Soviética. Ele não se incomodava em ter americanos em sua fronteira asiática, afirmou Stalin, uma vez que já os confrontava ao longo das linhas divisórias europeias.

Stalin sabia que o único resultado que Mao queria menos do que forças americanas às portas da China era um governo coreano provisório na Manchúria em contato com a minoria coreana que vivia ali, reivindicando algum tipo de soberania e pressionando constantemente por empreitadas militares na Coreia. E ele deve ter sentido que Mao ultrapassara o ponto sem volta. A escolha da China, nessa situação, era entre um exército americano no Yalu, ameaçando diretamente a metade da indústria chinesa facilmente ao alcance, e uma União Soviética descontente, negaceando suprimentos, talvez voltando a reivindicar seus 'direitos' sobre a Manchúria. Ou então a China prosseguiria no curso que Mao continuara a buscar mesmo enquanto barganhava com Stalin. Ele estava em uma posição onde tinha de intervir, paradoxalmente em parte para se proteger contra as intenções soviéticas.

(...) Ambos os líderes comunistas haviam explorado as necessidades e inseguranças um do outro. Mao conseguira obter os suprimentos militares soviéticos para modernizar seu exército; algumas fontes chinesas alegam que durante a Guerra da Coreia ele recebeu equipamento para 64 divisões de infantaria e 22 divisões aéreas (GONCHAROV, LEWIS, LITAI, 1993, p. 200-201. XUEZHI, QICAI, 1990. XU, 1985) e Stalin amarrara as mãos da China num conflito com os Estados Unidos na Coreia. (KISSINGER, 2011, p. 145).

3 O RECUO NORTE-AMERICANO E O EMBATE ENTRE SUAS LIDERANÇAS MILITARES

Segundo Richard W. Stewart (*The Korean War: The Chinese Intervention*, U.S. Army Center of Military History), em 24 de novembro, o 8º Exército Norte-americano lançou uma ofensiva na costa noroeste da Coreia do Norte sem qualquer sucesso. No dia seguinte, forças militares dos Estados Unidos, da Coreia do Sul e de alguns países aliados, como o Reino Unido, foram severamente atacadas por tropas chinesas na **batalha do rio Chongchon**. Neste combate, ambos os lados sofreram pesadas baixas, mas os chineses lograram-se vitoriosos, obrigando as forças da ONU a recuar para o paralelo 38 e restabelecerem uma nova linha defensiva. Ao mesmo tempo, o X Corpo do Exército dos Estados Unidos foi atacado na região de *Chosin Reservoir*, onde uma batalha de 17 dias sob frio intenso se seguiu e terminou com mais uma perturbadora vitória chinesa.

De acordo com Billy C. Mossman (*Ebb and Flow*, November 1950 - July 1951. United States Army in the Korean War, Center of Military History), em meados de dezembro, as forças americanas já haviam se retirado para a fronteira original entre as Coreias.

Nesse momento crucial, iniciou-se, formalmente, um inédito e inusitado debate entre as **lideranças militares**, sob o comando do General MacArthur, e o **poder civil**, capitaneado pelo Presidente Truman, que acabou se exteriorizando através de um confronto de ideias antagônicas sobre a condução da guerra: de um lado um dos mais respeitados heróis da Segunda Guerra, que desejava conduzir operações militares em território chinês, bombardeando suas principais cidades e destruindo toda sua infraestrutura militar e econômica e introduzindo 650.000 chineses de Taiwan na batalha, e, de outro, um presidente eleito em 1948 (tendo quase disputado a presidência com o próprio MacArthur, cuja indicação pelo Partido Republicano acabou não acontecendo), com pouca experiência e pressionado por uma opinião pública hostil e pela própria imprensa estadunidense, que inflamavam o debate, inclusive com veementes defesas pelo emprego de armas nucleares táticas contra os chineses.

Empenhado, todavia, em estabelecer, no contexto do conflito coreano, uma nova (e inédita) categoria de **“Guerra Limitada”**, fazendo florescer, desta feita, o conceito de **Bipolaridade Confrontativa Indireta**, e, por via de consequência, afirmando, pela primeira vez, o conceito de **Assimetria Reversa**, ainda que inicialmente de forma reflexa, e, igualmente, convencido pelo Primeiro-Ministro inglês Clement Attlee, de que o confronto na Ásia era apenas um **“desvio de atenção aos problemas europeus”**, o Presidente Harry Truman não somente negou permissão ao General MacArthur para empreender as necessárias operações aéreas de bombardeio em território chinês, como ainda afastou qualquer possibilidade de autorizar a utilização de tropas chinesas de Taiwan, não obstante a própria relutância presidencial de enviar à Península Coreana mais tropas terrestres estadunidenses, consoante reiteradas solicitações dos militares.

4 A GÊNESE DA BIPOLARIDADE CONFRONTATIVA INDIRETA (E ASSIMETRIA REVERSA REFLEXA)

Inaugurava-se, dessa forma, um inédito capítulo na geopolítica internacional de **imitação ao emprego do poder militar** que se convencionou denominar de **Bipolaridade Confrontativa Indireta (e Assimetria Reversa Reflexa)** e que, gradativamente, foi se consolidando no período compreendido entre 18 de outubro de 1950 a 11 de abril de 1951 (data da destituição do General MacArthur do comando supremo das forças da ONU na península coreana).

Para adicionar mais combustível ao debate, no início de 1951 os chineses e norte-coreanos lançaram uma terceira ofensiva conjunta, conquistando, pela segunda vez, Seul em 4 de janeiro (STOKESBURY, 1990, p. 117). Foi o suficiente para a radicalização das antagônicas posições, passando MacArthur a advogar, de forma mais contundente, uma guerra total contra a China, defendendo uma campanha intensiva de bombardeios contra os principais alvos militares e industriais chineses e, até mesmo, o chamado bombardeio **por área** em cidades e o próprio uso de armas nucleares em desertos da Manchúria (como demonstração de força).

Em 23 de dezembro de 1950, o comandante do 8º Exército, Walton Walker viria a falecer, sendo substituído pelo General Matthew Ridgway Bunker.

Segundo James L. Stokesbury (1990, p. 113), o General Ridgway, escolhido pessoalmente por MacArthur, teve uma autonomia decisória que jamais

foi concedida ao seu antecessor, passando este a introduzir novas estratégias como a doutrina conhecida como **“moedor de carne”**, consistente no emprego de bombardeios B-29 (originalmente desenvolvidos para missões de **interdição**) em operações de **apoio tático e suporte** às tropas, imprimindo novo ânimo ao 8º Exército.

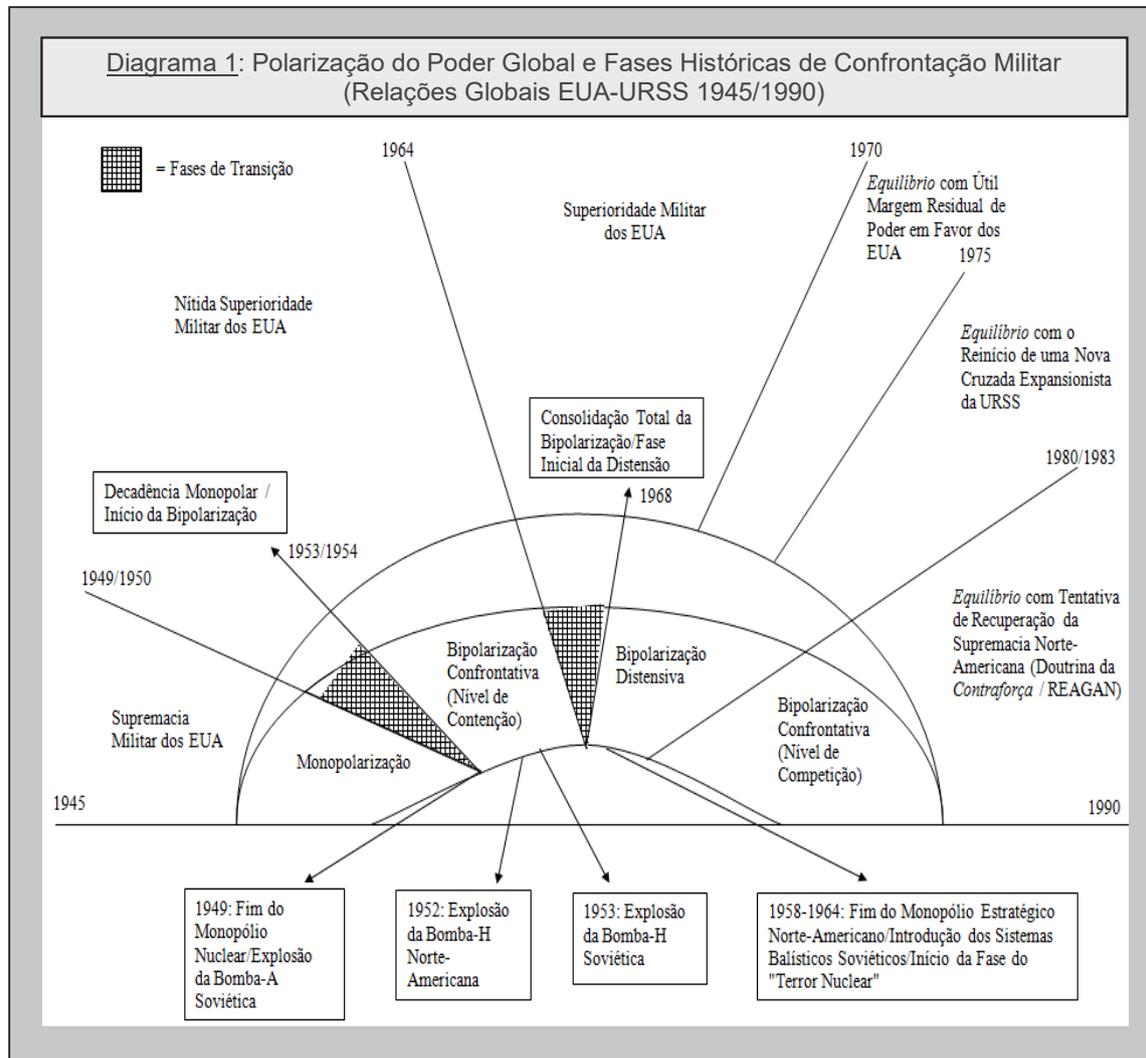
As forças da ONU recuaram até *Sumon* no oeste, até *Wonju* no centro e *Samcheok* no leste, estabelecendo uma nova linha de defesa.

Em fevereiro de 1951, segundo James L. Stokesbury, o exército chinês lançou a quarta fase de sua ofensiva na Coreia e conquistou o condado de *Hoengseong*. Entretanto, as forças chinesas **não conseguiram avançar além de Seul** devido a falta de suprimentos, permitindo que o general Ridgway **lançasse um contra-ataque** e expulsasse as tropas adversárias das proximidades do rio Han. A quarta ofensiva chinesa foi, desta feita, consoante lição de James L. Stokesbury (ob. cit., p. 121), oficialmente detida em *Chipyong-ni*.

Nas últimas duas semanas de fevereiro de 1951, foi implementada a **Operação Killer**, lançada pelo 8º Exército Norte-americano e pelo I Corpo de Fuzileiros americanos. A ofensiva reconquistou os territórios ao sul do rio Han e o IX Corpo de Fuzileiros reconquistaram Hoengseong (STOKESBURY, 1990, p. 122). **Em 14 de março, Seul foi reconquistada**. A população da capital, que antes da guerra era de **1,5 milhão** de pessoas, tinha declinado para **200 mil** devido às quatro grandes batalhas travadas na cidade durante a guerra. O líder chinês, Mao Tse Tung, **pediu então a Stalin mais assistência e o premier soviético respondeu enviando duas divisões aéreas, três divisões de baterias anti-aérea e seis mil caminhões com suprimentos** (KOLB, 1999). Apesar destas medidas, o problema logístico com suprimentos dos chineses continuou, face ao maciço e contínuo ataque aéreo norte-americano contra as posições chinesas e, em particular, contra as suas linhas de suprimento.

O êxito da estratégia do emprego do poder aéreo contra a superioridade numérica das tropas terrestres chinesas e norte-coreanas encorajou um fortalecido e mais confiante Truman a destituir do supremo comando das forças da ONU na Coreia o general MacArthur, substituindo-o pelo general Ridgway.

Consolidava-se, neste momento, em toda a sua plenitude, a nova concepção geopolítica e geoestratégica de **“Guerra Limitada”** e a própria **Bipolaridade Confrontativa Indireta**.

Diagrama 1 - Polarização do Poder Global e Fases Históricas de Confrontação Militar (Relações Globais EUA-URSS 1945/1990).

Fonte: O autor.

Segundo David Halberstam (HALBERSTAM, 2007, p. 498), MacArthur foi alvo de uma investigação do Congresso Nacional entre maio e junho de 1951, que, entretanto, concluiu, dubiamente e sem resultados concretos, que ele havia abertamente desobedecido as ordens do seu presidente e assim violado a Constituição dos Estados Unidos.

No comando geral das forças da ONU, o general Ridgway lançou um pesado contra-ataque no perímetro defensivo dos chineses e norte-coreanos que acabou sendo um sucesso. O general James Van Fleet assumiu o comando do 8º exército americano e, em março de 1951, duas ofensivas aliadas conseguiram infligir pesadas baixas nas forças opositoras e forçar o seu recuo. **Os capacetes azuis avançaram então até o paralelo 38 e cercaram os chineses destruindo boa parte de seus exércitos** (STOKESBURY, 1990, p. 131). Em abril de 1951, os chineses lançaram uma contra-ofensiva, com quase 700 mil homens na linha de frente. Este ataque foi detido pelos

fuzileiros americanos nas batalhas de *Kapyong* e do rio *Imjin*. Em 15 de maio, os chineses tentaram novamente avançar contra as linhas aliadas nas margens do rio *Soyang*. No dia 20 de maio, entretanto, as tropas chinesas atacantes já estavam em retirada (STOKESBURY, 1990, p. 136-137). Nesta oportunidade, o 8º Exército dos Estados Unidos lançou um ataque contra os chineses e norte-coreanos, além do paralelo, mas não lograram, todavia, obter um grande avanço (STOKESBURY, 1990, p. 137-138).

A partir de julho de 1951, as forças da ONU e da China continuaram a engajar uma árdua luta de trincheiras, onde nenhum dos dois lados conseguia dar um golpe decisivo sobre o outro. **Bombardeios aéreos em larga escala contra a Coreia do Norte** se intensificaram, - sobretudo com a chegada dos F-86A Sabre, que conseguiram, com a introdução posterior de versões aperfeiçoadas (F-86E e F), gradativamente, obter uma superioridade aérea sobre os MiG-15 Fagot soviéticos (mesmo em relação à sua versão

aperfeiçoada MiG-15 BIS, posteriormente posta em combate) -, abrindo caminho para as primeiras negociações de armistício, que começaram em 10 de julho de 1951. Todavia, apesar das negociações,

a guerra continuava a todo vapor (STOKESBURY, 1990, p. 145; 175-177), com grandes combates sendo travados durante esse período, como a batalha de *Bloody Ridge* e a de *Heartbreak Ridge*.

Diagrama 2 - Modalidades Históricas de Bombardeios Norte-Americanos X Efetividade no Conflito.

Diagrama 2: Modalidades Históricas de Bombardeios Norte-Americanos X Efetividade no Conflito					
Modalidade de Bombardeio	Segunda Guerra Mundial	Guerra da Coreia	Guerra do Vietnã	Efetividade	Fator Limitante
Bombardeio de precisão contra Alvos Militares (com efetivas restrições operacionais)	(-)	(-)	Vietnã do Norte (Operação Rolling Thunder de 2/3/1965 a 1/11/1968) ^a	Baixa	Bipolaridade Confrontativa Indireta
Bombardeio de precisão contra Alvos Militares e Instalações Econômico-Industriais	Hamburgo-1ª Fase (Doutrina de EAKER-1943) ^a	(-)	(-)	Média	(-)
Bombardeio de precisão contra Alvos Militares e Instalações Econômico-Industriais (com efeitos colaterais implícitos)	Hamburgo – 2ª Fase (Doutrina de SPAATZ-10/44) ^a	Coreia do Norte (Estratégia do "Moedor de Carne") ^c	Hanói e Hafong (Operação Linebacker II de 18 a 30/12/1972) ^b	Alta	Nenhum (Europa e Coreia) Assimetria Reversa (Vietnã)
Bombardeio de precisão em Missões de Apoio Tático e Suporte de Grande Envergadura	(-)	Coreia do Norte e do Sul (Estratégia do "Moedor de Carne") ^c	Vietnã do Sul (Operação Linebacker I ou Freedom Train) de 30/04 a 22/10/1972) ^a	Alta	Bipolaridade Confrontativa Indireta (Coreia) e Assimetria Reversa (Vietnã)
Bombardeio por área Convencional	Diversas Cidades na Europa e Ásia	Coreia do Norte e do Sul (Estratégia do "Moedor de Carne") ^c	(-)	Alta	Nenhum
Bombardeio por área com Emprego de Bombas Incendiárias e Munições Especiais (Fósforo Branco, Napalm, Bombas de Fragmentação, etc.)	Tóquio (Operação Meetinghouse 9 e 10/03/1945); Berlim (Batalha de Berlim- 24 e 25/03/1945); Dresden (Operação Clarion 13 a 15/02/1945)	Pyongyang (05 e 06/ 1953) ^c	(-)	Plena	Nenhum
Bombardeio por área Nuclear	Hiroshima (6/08/1945) e Nagasaki (9/08/1945)	(-)	(-)	Plena	Nenhum

Fonte: O autor.

Em 1952, uma série sequencial de sangrentos confrontos foram consumados com milhares de soldados mortos em ambos os lados, sem qualquer ganho estratégico considerável, enquanto a situação humanitária nas Coreias piorava a cada dia (cf. *The Korean War: Years of Stalemate*: <http://www.history.army.mil/brochures/kw-stale/stale.htm>). **As tropas chinesas e norte-coreanas sofriram com a permanente falta de suprimentos e materiais, considerando a péssima logística, fundada em linhas de suprimentos longas e sob constante ataques aéreos dos aliados ocidentais** (BARNOUIN, 2006).

O impasse continuou no início do ano de 1953. Cerca de **4.500 militares chineses morreram no cerco ao posto avançado americano de Harry**. Em *Kaesong*, mais 1.500 chineses foram mortos. Entre março e julho, perto de *Cheorwon*, forças norte-coreanas, chinesas, americanas, sul-coreanas e de outros países das forças da ONU se confrontaram em uma emblemática batalha que acabou em um impasse estratégico e com a morte de mais de 2 mil soldados.

A situação das forças comunistas prosseguia tensa devido à constante falta de suprimentos e as enormes perdas sofridas nos combates (MCWILLIAMS, 2004), enquanto nenhum dos dois lados era capaz de vencer uma batalha decisiva sobre o outro, as negociações, que já se prosseguiram há quase 24 meses, continuavam. Entre os obstáculos para a paz, o principal ponto residia na forma de como a troca dos prisioneiros de guerra seria feita (BOOSE JUNIOR, 2000). O problema era desafiante pelo fato de que quase dois terços dos prisioneiros da ONU haviam sido mortos após práticas desumanas de tortura sistemática por seus captores norte-coreanos e mais da metade dos 130.000 prisioneiros chineses e norte-coreanos havia assinado documentos optando por não serem repatriados.

5 O CESSAR-FOGO E A GARANTIA DO STATUS QUO ANTE BELLUM

O Comando das Nações Unidas, apoiado pelos Estados Unidos, a Coreia do Norte e o governo chinês finalmente assinaram os termos do armistício em 27 de julho de 1953. Este acordo decretou um cessar-fogo imediato e garantias do *status quo*

ante bellum. A guerra oficialmente acabou neste dia. Porém, até os dias atuais, nenhum tratado de paz foi firmado entre as duas Coreias. O Norte, contudo, alega que venceu a guerra, não obstante uma substancial parcela de sua população ter sido dizimada durante o conflito.

Nenhum dos participantes conquistou todos os seus objetivos na Guerra da Coreia. Para os Estados Unidos, o acordo de armistício concretizou o propósito pelo qual o país entrara na guerra: ele negava o sucesso da agressão norte-coreana, mas, ao mesmo tempo, impedia a China, em um momento de grande fraqueza, de enfrentar uma superpotência nuclear, levando-a a uma posição de paralisia e obrigando-a a rejeitar maiores avanços. Isso preservou (embora apenas parcialmente) a credibilidade americana em proteger os aliados, mas ao custo de uma revolta aliada incipiente e da discórdia doméstica. (...)

Tampouco se pode dizer que Pequim atingiu todos os seus objetivos, pelo menos não em termos militares convencionais. Mao não triunfou em libertar toda a Coreia do 'imperialismo americano', como a propaganda chinesa alegou inicialmente. Mas ele entrara na guerra com objetivos mais amplos e em alguns aspectos mais abstratos, até românticos: testar a 'Nova China' com uma prova de fogo e purgar o que Mao percebia como sendo o caráter historicamente brando e passivo da China; provar para o Ocidente (e, em certa medida, para a União Soviética) que a China era agora uma potência militar e usaria a força para reivindicar seus interesses; assegurar a liderança chinesa do movimento comunista na Ásia; e empreender um ataque contra os Estados Unidos (que Mao acreditava estar planejando uma eventual invasão da China) em um momento percebido como oportuno. (...)

Nesse sentido mais amplo, a Guerra da Coreia foi algo mais do que um empate. Ela estabeleceu a recém-fundada República Popular da China como potência militar e centro da revolução asiática. Também determinou uma credibilidade militar que a China, como um adversário digno de se temer e respeitar, iria usufruir ao longo das diversas décadas seguintes. A lembrança da intervenção chinesa na Coreia iria mais tarde refrear significativamente a estratégia americana no Vietnã. Pequim triunfaria em usar a guerra e a propaganda associada de 'Resistir à América, Ajudar a Coreia' e a campanha punitiva para obtenção de duas metas centrais para Mao: eliminar a oposição doméstica à supremacia do Partido e instilar 'entusiasmo revolucionário' e orgulho nacional na população. (...) (KISSINGER, 2011).

Cerca de 75.000 prisioneiros chineses e norte-coreanos e 12.000 prisioneiros da ONU sobreviventes foram trocados com o fim das hostilidades.

Estima-se **um mínimo de 1,2 milhões** (LACINA, GLEDITSCH, 2005, p. 145-166), passando por fontes que indicam **1,8 milhões** (cf. CRS Report for Congress (CRS-3); American War and Military Operations Casualties, 2008) e algumas que mencionam **um máximo de 2,5 milhões, de civis** mortos na Guerra da Coreia.

Os termos do armistício acordaram a confecção de uma comissão internacional para assegurar que o acordo fosse cumprido. Desde 1953, a denominada “Comissão de Supervisão da Neutralidade das Nações” (NNSC), composta por membros das forças armadas da Suíça e da Suécia, monitoram a zona desmilitarizada (cf. *NNSC in Korea*; Swiss Armed Forces, International Command. Korea: <http://www.forsvarsmakten.se/en/Forces-abroad/Korea>).

6 CONCLUSÕES

Sobre as principais lições do conflito coreano, resta curioso observar o absoluto despreparo dos serviços de informação estadunidenses, que não lograram antecipar a estratégia soviética no Extremo Oriente de armar e treinar os exércitos da China e da Coreia do Norte, permitindo, ao primeiro, a vitória na guerra civil de 1949, e, ao segundo, suas pretensões de unificação do território coreano, sob sua bandeira.

Ademais, as pretensões norte-coreanas, com apoio inicial de 50.000 soldados chineses, - viabilizando somar ao exército norte-coreano de 132.000 homens um efetivo total de 182.000, quase o dobro das pouco equipadas e mal treinadas forças sul-coreanas de menos de 100.000 efetivos -, além de um planejado (porém, abortado pela presença da 7ª Frota Americana no estreito que separa a ilha do continente) ataque chinês a Taiwan, não foram antecipados, em suas reais dimensões, pelos EUA.

Diagrama 3 - Efetivos, Baixas em Combate e Custos Econômicos dos Conflitos Armados (EUA).

Diagrama 3: Efetivos, Baixas em Combate e Custos Econômicos dos Conflitos Armados (EUA)								
Conflito Armado _s :	<u>Guerra Civil</u>	<u>Primeira Guerra Mundial</u>	<u>Segunda Guerra Mundial</u>	<u>Guerra da Coreia</u>	<u>Guerra do Vietnã</u>	<u>Primeira Guerra do Golfo</u>	<u>Segunda Guerra do Golfo (Guerra do Iraque)</u>	<u>Guerra do Afeganistão</u>
Período	1861-65	1917-18	1941-45	1950-53	1964-75	1991	2003-11	2001-14
Duração Temporal do Conflito (meses)	48	19	45	37	121	1 _C	106	159
Efetivo Ativo Máximo	975.000 _I (1863)	2.897.167 _T (1918)	12.124.418 _T (1945)	3.685.054 _T (1952)	3.547.902 _T (1968)	2.198.189 _S (1991)	1.580.255 _U (2009)	1.580.255 _U (2009)
Efetivo Mobilizado (participante)	3.900.231 _I	4.734.991 _S	16.112.566 _S	5.720.000 _S	8.744.000 _S	2.225.000 _S	+1.000.000 _K	831.576 _L
Efetivo Máximo em Ação	3.855.000 _I	1.000.000 _M	4.000.000	300.000 _D (326.863) _H	540.000 _E	540.000 _N	208.000	68.000 _B
Total de Mortos	498.332 _S (748.000) _V	116.516 _S	405.399 _S	36.574 _S	58.220 _S	192 (383) _S	4.412 _S	2.351 _S
Total de Feridos	281.881 _S	204.002 _S	671.846 _S	103.284 _S	303.644 _S	467 _S	31.951 _S	20.068 _S
Total de Civis Mortos _F	50.000 (352.000)	6.821.248 _O (13.000.000)	30.497.000 _P (58.500.000)	1.800.000 (2.500.000)	587.000 _Q (4.000.000)	5.564 _A (10.000)	66.000 (106.000)	34.000 (174.000) _J
Custo (US\$ bilhões)	20,1 _R (5,0/ano)	334 _R (210,9/ano)	4.104 _R (1.094,4/ano)	341 _R (110,6/ano)	738 _R (73,2/ano)	61 _R (61,0/ano)	823,8 _J (93,3/ano)	718,6 _J (54,2/ano)

Fonte: O autor.

Muito embora a URSS não contasse, à época, com poder militar e econômico para um confronto direto com Washington, Moscou soube muito bem manobrar não somente com a **envergadura dos seus exércitos** (não totalmente desmobilizados após o fim da Segunda Guerra Mundial), mas, particularmente, com uma **política diplomática** artilosa e propositalmente **dúbia e dissimulada**, ainda que alguns estudiosos, em sentido diverso, concluam que Stalin tenha sido o verdadeiro “perdedor” do conflito coreano.

Stalin estava certo quanto a sua previsão estratégica, mas errou gravemente em avaliar as consequências. A dependência chinesa da União Soviética era uma faca de dois gumes. O rearmamento da China empreendido pela União Soviética, no fim das contas, encurtou o tempo em que a China seria capaz de agir por conta própria. O cisma sino-americano que Stalin promovia não levou a uma melhoria das relações sino-soviéticas, tampouco reduziu a opção titoísta chinesa. Pelo contrário, Mao calculou que podia desafiar ambas as superpotências simultaneamente. Os conflitos americanos com a União Soviética eram tão profundos que Mao julgou não precisar pagar qualquer preço pelo apoio soviético na Guerra Fria; na verdade, achou que poderia usar isso como uma ameaça mesmo sem sua aprovação, como fez em inúmeras crises subsequentes. Começando com o encerramento da Guerra da Coreia, as relações soviéticas com a China se deterioraram. (...) (KISSINGER, 2011).

Em necessária adição informativa histórica, resta registrar, por oportuno, que, em abril de 1975, a capital do Vietnã do Sul (Saigon) foi capturada pelo exército norte-vietnamita, encerrando o conflito no Sudeste da Ásia com a vitória do Vietnã do Norte. Encorajado pelo

sucesso do comunismo na Indochina, o ditador norte-coreano, Kim Il-Sung, interpretou o episódio como uma nova oportunidade de conquistar o sul da sua península. Kim visitou a China em abril daquele ano e se encontrou com Mao Tse Tung e com Zhou Enlai, pedindo ajuda para uma futura incursão militar. Apesar das expectativas de Pyongyang, Pequim deixou claro que, com sua nova política distensiva com os EUA, iniciada com a histórica visita de Nixon em fevereiro de 1972, não tinha qualquer interesse em entrar em outra guerra na Coreia (cf. RIA CHAE; *NKIDP e-Dossier No. 7: East German Documents on Kim Il Sung's April 1975 Trip to Beijing*, North Korea International Documentation Project, Woodrow Wilson International Center for Scholars).

Vale lembrar, por fim, que desde o armistício de 1953, houve vários desentendimentos e atos de agressão entre os dois países. Em 1976, dois soldados americanos foram mortos por norte-coreanos na zona desmilitarizada. Desde 1974, quatro túneis usados por norte-coreanos foram descobertos, sendo correto concluir que todos os túneis serviam de passagem para o sul. Em 2010, um submarino norte-coreano torpedeou e afundou uma corveta sul-coreana, o ROKS Cheonan, resultando na morte de 46 marinheiros (cf. North Korean Torpedo sank South's Navy Ship: <http://www.bbc.co.uk/news/10129703>) e, ainda em 2010, a Coreia do Norte disparou vários tiros de artilharia contra a ilha de Yeonpyeong, matando dois militares e dois civis sul-coreanos (JACK KIM e JAE-WON LEE; North Korea Shells South in Fiercest Attack in Decades).

Diagrama 4 - Comparação entre Elementos Limitadores do Emprego da Força Militar nas Guerras da Coreia e Vietnã.

Diagrama 4: Comparação entre Elementos Limitadores do Emprego da Força Militar nas Guerras da Coreia e Vietnã		
	Bipolaridade Confrontativa Indireta	Assimetria Reversa
	↓	↓
Conflito	Coreia (1950-53)	Vietnã (1964-75)
Duração Temporal do Conflito	37 meses	121 meses
Efetivo Máximo Empregado	EUA: 300.000 Outros: 45.000	EUA: 540.000 Outros: 66.511
Países Componentes da Coalizão	ONU(16): EUA, Canadá, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, Colômbia, Etiópia, França, Grécia, Holanda, África do Sul, Turquia, Tailândia, Filipinas, Bélgica, Luxemburgo.	ANZUS (2) ^Δ Austrália, Nova Zelândia e EUA. SEATO (3) ^Φ EUA, Tailândia e Filipinas, além da Coreia do Sul e Taiwan.
Fases do Conflito e Elemento Limitador Preponderante	1ª Fase (07/1950 a 04/1951): Nenhuma 2ª Fase (05/1951 a 12/1952): Bipolaridade Confrontativa Indireta 3ª Fase (01/1953 a 07/1953): Bipolaridade Confrontativa Indireta	1ª Fase (1964-68): Bipolaridade Confrontativa Indireta 2ª Fase (1968-75): Assimetria Reversa
Emprego Intensivo de Artilharia	Introduzido pelo Gen. MATTHEW a partir da 2ª Fase do Conflito	Introduzida (de forma inovadora) desde o início do Conflito através das Chamadas "Bases de Artilharia"
Emprego de Bombardeiros Pesados em Missões de Apoio Tático e Suporte a Tropas Terrestres	B-29 (Estratégia do "Moedor de Carne")	B-52 (Operação Niágara- 1968), na proteção à base de Khen San
Emprego de Bombardeiros por área contra Cidades	B-29 (Bombardeio a Pyongyang- 1953), com bombas incendiárias ^c	B-52 (Operação Linebacker II- 1972), com restrições operacionais para alvos militares e industriais em Hanói e Haiphong
Superioridade Aérea	Existente durante todo o conflito, porém desafiada com a surpresa tecnológica do MiG-15 até a introdução do F-86A (índice médio de letalidade de 10x1).	Precária, particularmente até 1967 com a introdução do F-4E provido de melhorias tecnológicas e canhão interno de 20 mm (índice médio de letalidade 2,1x1)
Supremacia Aérea	Obtida parcialmente na 3ª Fase do conflito com a introdução do F-86F	Obtida, parcialmente, apenas a partir de 1972.
Conflito Interno Preponderante	1ª Fase: Militares (MACARTHUR) x Poder Civil Executivo (TRUMAN) 2ª Fase: Militares (RIDGWAY) x Poder Civil Executivo (TRUMAN) 3ª Fase: (Inexpressivo)	1ª Fase: Militares x Poder Civil Executivo (JOHNSON/MACNAMARA) 2ª Fase: Poder Civil Executivo (NIXON/FORD) x Congresso Nacional
Emprego de Helicópteros de Transporte	Utilização originária, porém ainda embrionária	Introduzido (de forma inovadora) desde o início da guerra

Fonte: O autor.

REFERÊNCIAS

- BARNOUIN, B. **Zhou Enlai: A Political Life**. Hong Kong: Chinese University Press, 2006.
- BOOSE, JR., D. W. **Fighting While Talking: The Korean War Truce Talks**, 2000.
- CHAE, R. **NKIDP e-Dossier Nº. 7: East German Documents on Kim Il Sung's April 1975 Trip to Beijing**. North Korea International Documentation Project, Woodrow Wilson International Center for Scholars. 1975.
- CHINESE Troops Enter North Korea**. Disponível em: <http://teachingamericanhistory.org/static/nch/interactives/timeline/data/102550.html>. Acesso em: 27 fev. 2017.
- CROUCH, T. **Asas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CRS REPORT for Congress (CRS-3)**. American War and Military Operations Casualties, 2008.
- FRIEDRICH, J. **Yalu**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GONCHAROV, S. N.; LEWIS, J. W.; LITAI, X. **Uncertain Partners: Stalin, Mao, and the Korean War**. Redwood: Stanford University Press, 1993.
- HALBERSTAM, D. **The coldest winter: America and the Korean War**. Nova Iorque: Hyperion, 2007.
- ISBY, D. C. **Fighter Combat in the jet age**. Nova Iorque: Harper Collins, 1997.
- JIAN, C. **Mao's China and the Cold War**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001.
- KIM, J.; LEE, J. North Korea Shells South in Fiercest Attack in Decades. **Reuters**. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-korea-north-artillery/north-korea-shells-south-in-fiercest-attack-in-decades-idUSTRE6AM0YS20101123>. Acesso em: 23 nov. 2010.
- KISSINGER, H. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.
- KOLB, R. In Korea we whipped the Russian Air Force. In: UFW Magazine: veterans of foreign wars. Washington DC, 1999.
- THE KOREAN War: Years of Stalemate: Disponível em: <http://www.history.army.mil/brochures/kw-stale/stale.htm>. Acesso em: 27 fev. 2017.**
- LACINA, B.; GLEDITSCH, N. P. **Monitoring Trends in Global Combat: A New Dataset of Battle Deaths**. European Journal of Population, n. 21, 2005.
- MANCHESTER, W. **American Caesar: Douglas MacArthur 1880-1964**. Boston: Little, Brown and Company, 1978.
- MCWILLIAMS, B. **On Hallowed Ground: the last battle for Pork Chop Hill**. Annapolis: Naval Institute Press, 2004.
- MOSSMAN, B. C. **Ebb and Flow**. November 1950 - July 1951. Washington DC: United States Army in the Korean War, Center of Military History. 1990.
- NNSC in Korea**. Swiss Armed Forces, International Command. Korea: Disponível em: <http://www.forsvarsmakten.se/en/Forces-abroad/Korea>. Acesso em: 27 fev. 2017.
- NORTH KOREAN Torpedo sank South's Navy Ship**: Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/10129703>. Acesso em: 27 fev. 2017.
- STEWART, R. W. **The Korean War: The Chinese Intervention**. Washington DC: U.S. Army Center of Military History, 2015.
- STOKESBURY, J. L. **A Short History of the Korean War**. Nova Iorque: Harper Perennial, 1990.
- VARGAS, A. O Conflito que Quase Deu Início à Terceira Guerra. **Aeromagazine**, São Paulo, 2012.
- WERREL, K. **Sabres over MIG Alley: The F-86 and the Battle for Air Superiority in Korea**. Annapolis: Naval Institute Press, 2005.
- ZHANG, S. G. **Mao's Military Romanticism: China and the Korean War, 1950-1953**. Lawrence: University Press of Kansas, 1995.
- ZHIHUA, S. China and the Dispatch of the Soviet Air Force: The Formation of the Chinese-Soviet-Korean Alliance in the Early Stage of the Korean War. **The Journal of Strategic Studies**, vol. 33, n. 2, 2010.